



RELACIONAMENTO ABUSIVO: O CONTROLE SOBRE A ROUPA, BELEZA E CORPO DA MULHER

Abusive relationship: control over women's clothing, beauty and body

ALBERTIM, Renata; Mestranda; Universidade Federal Rural de Pernambuco, renatalbertim@gmail.com¹

MARTINS, Marcelo, M.; Doutor; Universidade Federal de Pernambuco, machadomartins@yahoo.com.br²

Resumo: No presente artigo, discute-se a relação entre corpo, moda e o relacionamento abusivo sofrido por mulheres, sobretudo quanto executado por seus companheiros. Para tal, realizou-se uma pesquisa quantitativa online com mulheres que viveram ou vivem um relacionamento abusivo utilizando a escala de Likert. Foram desenvolvidas oito perguntas com respostas baseadas na escala, com pontuação entre um e cinco.

Palavras chave: Relacionamento abusivo, moda, corpo feminino

Abstract: This article discusses the relations between body, fashion, and abusive relationships that women suffer, especially when executed by their partners. To do this, a quantitative online survey was conducted with women who live or lived an abusive relationship using the Likert scale. Eight questions with answers based on the scale between 1 and 5 were developed.

Keywords: Abusive relationship; fashion; female's body.

Introdução

Estudar sobre a Moda e o modo de se vestir é considerar o hábito cotidiano da vida humana em compor um conjunto de significantes quando uma roupa está

¹ Mestranda em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social, pela UFRPE. O enfoque da pesquisa está relacionado ao tema violência doméstica e redes sociais digitais. Atualmente está à frente da startup de impacto social *Mete a Colher*, rede que ajuda mulheres que vivem um relacionamento abusivo.

² Doutor em Semiótica em Linguística Geral pela USP: FFLCH (ENSL: Ish). Trabalha como docente na Universidade Federal de Pernambuco: CAA (núcleo de Design e Comunicação) e é professor no Programa de Pós-Graduação em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social da UFRPE.





associada a um corpo. Todos os dias, pessoas de todos os gêneros e de todas as idades definem, de maneira consciente ou não, quais peças de Moda vão utilizar para apresentar sua personalidade ou até mesmo disfarçá-la.

A Moda é um discurso, uma forma de linguagem e de comunicação, muito presente na sociedade contemporânea capitalista, visto que as práticas sociais estão baseadas na cultura de consumir produtos e serviços, e esses são alavancados pelas engrenagens do sistema de Moda. De acordo com Livia Barbosa (2004), as características da cultura do consumo são: a valorização da liberdade e escolha individual; a estetização da realidade, além de o consumo atuar como principal forma de comunicação e reprodução social. Com efeito, faz todo sentido associar moda às práticas de consumo, pois as pessoas compram produtos de moda com o intuito de exteriorizar sua personalidade e identidade por meio da estética, bem como de comunicar seus gostos e valores pessoais.

Considerando os aspectos apresentados, é através de roupas e acessórios de moda que homens e mulheres constroem a aparência como forma de gerar sentidos como também de estabelecer interação com outros homens e mulheres, ou seja, com o mundo social. (GARCIA e MIRANDA, 2010)

Partindo do princípio que adornar e vestir o corpo humano faz parte das escolhas individuais de cada pessoa, é possível deparar com indivíduos que têm sua liberdade de escolha cerceada, seja por obrigatoriedade de usar fardas, por exemplo, como uma imposição da empresa sobre o empregado, ou, outro exemplo, o controle da vestimenta de um parceiro sobre a parceira como imposição pessoal. Neste trabalho, especificamente, vamos associar relações afetivas e/ou conjugais entre casais que vivenciam a violência doméstica ou familiar, popularmente conhecida como “relacionamentos abusivos”, com o tolhimento da liberdade de escolha da mulher para se vestir.

O relacionamento abusivo está inserido no contexto da violência doméstica, sendo caracterizado como uma relação violenta entre duas pessoas



(de sexos opostos ou do mesmo sexo) que mantêm um envolvimento afetivo amoroso e/ou conjugal. De acordo com Analba Teixeira (2016), a violência nas relações entre homens e mulheres é uma das formas utilizadas para exercer o controle e dominação dele sobre elas (ou seja, do masculino sobre o feminino), e pode se caracterizar de diversas formas: psicológica, física, sexual, patrimonial e moral.

As mulheres que passam por esse tipo de relação têm o seu emocional bastante abalado, sofrem continuamente constantes crises de medo do parceiro (receio de uma nova explosão de agressões por qualquer motivo), procuram se isolar em seus relacionamentos interpessoais com amigos e familiares, além de desenvolverem o sentimento de culpa, que se torna permanentemente presente no seu cotidiano – pois há um forte julgamento, um discurso acusatório que culpabiliza as mulheres pelas agressões sofridas. Todas essas sequelas de um relacionamento abusivo interferem no corpo da mulher e no modo como ela se posiciona diante de seu relacionamento. A relação reverbera inclusive nas maneiras de se apropriar dos elementos constituintes dos discursos da Moda que compõem a identidade da mulher na relação que estabelece com seu corpo, além dos cuidados com ele.

Com o objetivo de compreender se um relacionamento abusivo impacta, positiva ou negativamente, no modo como uma mulher se veste e se embeleza, realizamos uma pesquisa quantitativa online com 100 mulheres que viveram ou vivem um relacionamento abusivo utilizando a escala de Likert. Apesar de ser considerada simples e de caráter ordinal, esse método de pesquisa é conhecido por: 1) recolher um grande número de respostas de pessoas que tenham familiaridade com o problema; 2) as respostas estão dispostas em 5 escalas, entre “discordar muito” até “concordar extremamente”, por exemplo; 3) o resultado total está de acordo com a escala que recebeu um maior número de respostas (GIL, 2008).



Foram desenvolvidas oito perguntas, sendo as respostas com base na escala de Likert entre 1 e 5, exceto a primeira e última perguntas, que tinham como respostas “sim” e “não”. As perguntas foram: 1) Você vive ou viveu um relacionamento abusivo?; 2) Você se considera uma pessoa que sempre cuidou da sua imagem/estética/beleza?; 3) No relacionamento abusivo que viveu ou está vivendo você, de alguma forma, deixou de se preocupar com a beleza e vestir roupas com que se sentia bem?; 4) O (A) seu (sua) companheiro(a) ou ex-companheiro(a) tinha/tem o controle sob sua maquiagem ou roupas?³; 5) Por conta dos abusos e agressões, você acredita que perdeu a vontade de cuidar da beleza?; 6) Sua autoestima atualmente está...; 7) Você acredita que a moda e os cosméticos influenciam para ajudar você a se amar mais ou se sentir mais bonita?; 8) Para aquelas que já saíram de um relacionamento abusivo: ao término da relação, você acredita que voltou a se embelezar mais e a usar tipos roupas que não usava durante o relacionamento?.

O questionário foi disponibilizado na rede social Facebook, no perfil dos autores, como também em um grupo caracterizado como “secreto” (Feministas), da mesma rede social. Os pré-requisitos, solicitados pelos autores, para responder ao questionário eram: ser mulher e viver ou ter vivido um relacionamento abusivo.

A Moda, o vestir e o corpo através da perspectiva da semiótica

Relacionar os temas vestimenta, beleza e corpo com o relacionamento abusivo é tentar entender os processos de perda de identidade ao qual as mulheres que são vítimas desse tipo de relação estão submetidas quando convivem com um companheiro agressivo. O interesse em relacionar os temas

³ Quando a companheira é a abusiva, considera-se aqui que é uma relação homoafetiva., visto que apenas mulheres responderam ao questionário.



está atrelado ao que Thomas Carlyle, citado em Svendsen (2010), defende no livro *Sartor Resartus* (1836): para ele, já em sua época, as roupas seriam elementos importantes para constituir a identidade humana – temática que atualmente integra as questões agendadas na área e inclusive discutidas na Academia.

Os estudos sobre a vestimenta, beleza e corpo têm como base as Ciências Sociais, pois estes elementos são portadores de significado (GODART, 2010). Sendo assim, a Moda tem a competência de construir significações, de fazer sentido. Para Landowski (2014), por exemplo,

a compreensão do mundo passa pelo deciframento de formas que, verbais ou não, são consideradas como equivalentes a outros tantos textos que, supostamente, «quererem» dizer-nos qualquer coisa (p.13).

Isto é, o conjunto de roupas, maquiagens e acessórios que uma pessoa veste orna sua exterioridade, além de construir significados na sua apresentação social para os outros seres sociais, como também para si.

Nota-se em Garcia e Miranda (2010) que os elementos do sistema de Moda vão auxiliar a construção da “aparência”, que está associada à vontade de “parecer” – que pode ocorrer de uma vontade própria do sujeito de acordo com suas escolhas e preferências – como também de “aparecer” diante de si na perspectiva com o outro. Para as autoras, essa forma de se apresentar publicamente tem a ver com o simulacro, uma construção da imagem na qual os sujeitos podem projetar suas vontades de se vestir e criar sua aparência, sendo um elemento importante na sua condição de sujeito discursivo.

A Moda faz parte das relações sociais de expressões que são transmitidas entre a dinâmica corpo e vestimenta. No entendimento do corpo, este dialoga com as roupas e demais formas de embelezamento, maquiagem e acessórios, sendo o corpo um suporte para o discurso de Moda. Seguindo o raciocínio de Lopes e Gadelha (2010)

O corpo associado à indumentária revela a produção de um



sentido, a demarcação de papéis sociais. A significância da atitude do corpo e da estrutura dos ornamentos, artigos e peças cobertos sobre ele, formulam uma identidade, um discurso que forma uma figura representada por uma linguagem da estrutura social. (p. 618)

A partir da compreensão da importância da roupa e embelezamento para a identificação da pessoa com seu corpo, é possível compreender que em uma relação abusiva, o companheiro priva sua companheira de vestir e embelezar o corpo do modo que ela quiser. Para a mulher, além de gerar uma não identificação com o seu próprio eu, ela não reconhece que é a única dona e responsável por constituir a sua identidade corpórea expressa pela conjunção da carne com a roupa.

A atitude de cerceamento e controle dos corpos está associada às relações de poder. É importante considerar que nem sempre o poder vem relacionado à violência física ou atitudes bruscas, mas mesmo assim continua sendo violento no que tange à imposição de uma vontade sobre outro. Por exemplo, a vontade do companheiro de delimitar a forma como a mulher se veste, se embeleza e utiliza do seu corpo. Foucault (2005), em seu livro *Microfísica do Poder*, sinaliza que

se o poder só tivesse função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeito positivo ao nível do desejo - como se começa a conhecer - e também a nível do saber (p. 148)

Ainda que não saibamos ao certo se a imposição da vontade do companheiro sobre a roupa e embelezamento da mulher tenha vindo de forma agressiva ou não, o poder nem sempre se apresenta com características de vilão. Podemos considerar o controle uma das formas utilizadas para manipular a mulher a aceitar determinadas imposições. Para o semiótico Claudio



Rabelo⁴ (2016), por exemplo, é no nível narrativo do percurso gerativo do sentido, mais especificamente na fase da manipulação (esquema narrativo canônico), que uma ação é perpetrada de um sujeito para o outro para querer ou dever fazer alguma coisa.

Valores de satisfação pessoal, processo de identificação com grupos, mecanismo de diferenciação social e re-design do corpo, na conjunção com a roupa (e vice-versa), são as potencialidades de sentido que o imbricamento das plásticas proporciona ao sujeito, pois, de acordo com Ana Claudia, “(...) toda e qualquer mudança da aparência é uma mudança da manifestação do corpo vestido, que se edifica em dois planos (...) [a] expressão e [o] conteúdo” (2008, p. 94). Como sujeito, o corpo vestido, então, pode ser manipulado por um destinador que se apresenta como “o próprio sujeito, ou a moda, ou os ditames do corpo, ou a combinação desses” (2008, p. 94) e, *acrescentamos*, pelo companheiro/a abusivo que se constrói como um destinador-manipulador sobretudo pelo emprego da intimidação (moral e física)

É a partir da Moda que se materializa a estetização de uma autoexpressão. Em um relacionamento abusivo, a forma de vestir é motivo para uma manipulação dos corpos e de escolhas pessoais. Para Garcia e Miranda (2010), se o modo de se vestir faz parte da representação social de um sujeito, aqueles que utilizam roupa escolhida por outras pessoas estão aceitando e projetando a imagem que outros desejaram ou escolheram.

De acordo com a pesquisa desenvolvida para o presente trabalho, esta é, infelizmente, a realidade de algumas mulheres que vivem ou vivenciaram um relacionamento abusivo com ex ou atual companheiro(a).

O reflexo da vestimenta, beleza e corpo em um relacionamento abusivo

4 De acordo com vídeo disponível no site Youtube: “Como fazer uma análise semiótica discursiva?”



As discussões sobre violência doméstica e relacionamentos abusivos fazem-se fortemente presentes no debate contemporâneo sobre gênero. Scott (1990) considera que o gênero é fundamentado nas relações sociais e nas diferenças entre os sexos feminino e masculino, constituindo-se também como um dos meios de dar significado à relação de poder. Para entender melhor essa relação, Saffioti (2015), autora feminista que estuda violência de gênero, aponta que “as mulheres são ‘amputadas’, sobretudo, no desenvolvimento e uso da razão e no exercício do poder. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem” (p. 37). Ainda para a autora, tal caracterização dos gêneros foi incorporada nas práticas sociais através dos séculos e, como tal, replicadas em gerações subsequentes. Elas foram, portanto, aprendidas como discursos “naturalmente aceitáveis” pela cultura.

A literatura especializada apresenta uma série de fatores que podem desencadear as causas da violência. Langley; Levy (1980 apud GARBIN, 2006), por exemplo, discretizam nove categorias que podem dar conta das razões para a violência doméstica: doença mental; álcool e drogas; aceitação da violência por parte do público; falta de comunicação; sexo; uma autoimagem vulnerável; frustração; mudanças; violência como recurso para a resolução de problemas. Já para Santin Jr. et al. (2002), são os fatos corriqueiros e banais os responsáveis pela conversão de agressividade em agressão; além disso, o sentimento de posse do homem em relação à mulher e a impunidade são fatores que “autorizam” socialmente atos de violência contra a mulher (PEREIRA e MARTINS, 2017). O posicionamento de Tavares (2000), dentre os estudos realizados, se destacou, pois, para quem a violência não surge das condições sociais ou das privações dos sentidos, mas acontece porque em nossa sociedade já se cristalizou como verdade o fato de que o melhor jeito de



resolver um conflito é a violência, e que os homens, como vimos, são mais fortes e superiores às mulheres. Esse imaginário assumido e replicado coletivamente “autoriza” os maridos, companheiros, namorados, pais, irmãos, chefes, etc. a acreditarem ou saberem e crerem que têm o direito de impor suas vontades às mulheres por meio de atos agressivos.

Compreender as relações de poder estabelecidas socialmente nos gêneros masculino x feminino é compreender também que essa relação é fruto de uma desigualdade social. Costa, Silveira e Madeira (2012) afirmam que a compreensão da desigualdade de gênero, “desmistifica a oposição entre dominadores, os homens, e dominadas, as mulheres” (p. 228).

O controle é uma das artimanhas utilizadas pela pessoa agressora da relação para fazer com que sua parceira sinta-se coagida para desenvolver, ou deixar de desenvolver, alguns comportamentos. Esse controle é uma característica do abuso psicológico, no qual o agressor restringe com quem a mulher deve/pode falar, tem crises de ciúmes por causa do contato dela com outros homens, amigos e familiares, como também controla o modo como a mulher se veste e/ou se maquia. Em linhas gerais, o companheiro restringe ou impede que a mulher tome suas escolhas sobre como se apresentará à sociedade.

Ainda de acordo com uma abordagem semiótica, no percurso gerativo de sentido, o segundo patamar das estruturas narrativas define-se como uma transformação de estado. Isto é, uma relação de conjunção ou disjunção com um objeto. Fiorin (1995) destaca que são duas as transformações possíveis: de um estado inicial de conjunção para um estado final de disjunção ou o contrário. Por exemplo: antes de um relacionamento abusivo, a mulher estava no estado inicial de conjunção com a escolha de sua aparência e, quando inserida em uma relação agressiva, que seria o estado final, passa a estar em disjunção com o controle de suas escolhas e aparências. A segunda

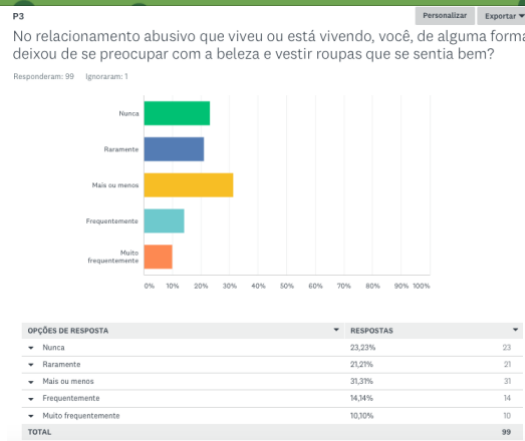


transformação seria num estado inicial de disjunção com suas escolhas e aparências, durante a relação abusiva, e quando rompe o relacionamento, no estado final, entra em conjunção com a retomada de controle de suas escolhas e aparências.

A roupa que uma mulher veste é um fator que determina os atos violentos contra ela. No questionário desenvolvido para o presente trabalho foi possível constatar situação de conjunção e disjunção com suas próprias escolhas de aparência. Os resultados de todas as perguntas estão listados abaixo.

Na primeira pergunta, quando questionadas se vivenciaram ou vivenciam um relacionamento abusivo, 88% das mulheres responderam que sim. Já na segunda pergunta, quando questionamos se elas se consideram pessoas que sempre cuidaram da imagem/estética/beleza, 57% das mulheres responderam “mais ou menos”. Em seguida, quando questionadas se, no relacionamento abusivo que viveu ou está vivendo, de algum modo, deixou de se preocupar com a beleza e vestir roupas que se sentia bem (Figura 1), 23% responderam que “nunca”, 21% “raramente”, 31% “mais ou menos”, 14% “frequentemente” e 10% “muito frequentemente”. Podemos concluir que, apesar de mais da metade das mulheres que responderam ao questionário considerar que se importam com a sua estética e beleza, 76% responsabilizam o relacionamento abusivo por sua falta de atenção com sua imagem e estética.

Figura 1: pergunta 03

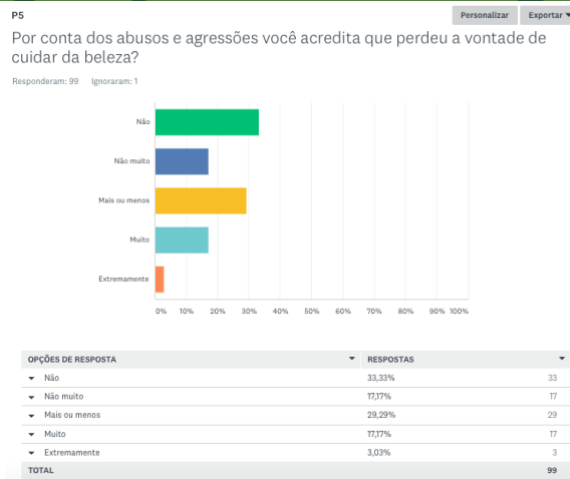


Fonte: elaborado pela autora.

De acordo com as respostas da quarta pergunta, apesar de 45% das mulheres terem afirmado que o companheiro, na relação abusiva, não tinha o controle sobre suas roupas e modo de se maquiar, 55% das entrevistadas estão entre as respostas “raramente”, “mais ou menos”, “frequentemente”, “muito frequentemente”. Aqui fica evidente que, de alguma forma, o companheiro controla a forma com que a companheira se veste ou se maquia.

Além do controle específico sobre roupas, maquiagem e, considerando de forma mais geral, o controle sobre o corpo da mulher, um relacionamento abusivo recai também na autoestima, amor-próprio, auto satisfação da mulher na condição de vítima. Quando questionadas, na quinta pergunta (Figura 2), se por conta dos abusos e agressões, acreditariam ter perdido a vontade de cuidar da beleza, as respostas ficaram: 33% “não”, 17% “não muito”, 29% “mais ou menos”, 17% “muito” e 3% “extremamente”. Isso é, 66% das mulheres que responderam tiveram sua autoestima abalada e, conseqüentemente, tiveram a vontade de se vestir e embelezar do modo como gostariam diminuída por conta do relacionamento abusivo.

Figura 2: pergunta 05



Fonte: elaborado pela autora.

Apesar da maioria das mulheres que responderam ao questionários estarem satisfeitas com sua autoestima, como apresenta o resultado da sexta pergunta – 56% estão entre “satisfatória” e “muito satisfatória”, contra 44% variando entre as escalas “muito insatisfatória”, “insatisfatória” e “indiferente” – é possível perceber que uma relação abusiva atinge diretamente o sentimento de autoestima das mulheres.

Além disso, as mulheres que responderam o questionário acreditam que a moda e cosméticos podem ajudá-las a se amar mais e ter a autoestima elevada. Nesse quesito (Figura 3), 29% das mulheres responderam que a moda e cosméticos influenciam “mais ou menos”, 37% responderam “muito” e 5% responderam “extremamente”. Apenas 29% da mulheres ficarem entre “não” e “não muito”.

Figura 3: pergunta 07



Fonte: elaborado pela autora.

Por fim, 68% das mulheres confirmaram que após o término da relação, elas passaram a se embelezar mais e a usar tipos de roupas que não usavam durante o relacionamento. Sendo assim, podemos considerar que faz parte do processo de uma relação abusiva o controle do modo como as mulheres se vestem, em que elas deixam de lado suas vontades e passam a ser condicionadas às imposições do(a) companheiro(a).

Considerações Finais

Tendo em vista os dados colhidos e apresentados, é possível concluir que a vivência de um relacionamento abusivo influencia de forma negativa no modo como as mulheres utilizam seus corpos, se vestem e se embelezam. Sendo a vestimenta um fator importante para constituir a identidade dos indivíduos, gerar significados e compor aparências, a relação de poder presente no relacionamento citado condiciona as escolhas individuais das mulheres, que deixam de lado suas vontades e passam a aceitar a imposição do parceiro.



As mulheres que vivenciam essa condição de perda de controle sobre suas escolhas estão em processo de disjunção com o autocontrole de seus corpos. Entretanto, depois do término da relação é possível entrar novamente em conjunção com suas escolhas e se reconectar com as roupas que gosta como também com o embelezamento. Sendo assim, é possível perceber que essa mudança de comportamento reflete em uma autoestima positiva.

Além do que foi apresentado, o artigo ofereceu ao leitor a possibilidade de ele entender sobre relacionamentos abusivos, e atentar para as dinâmicas reprováveis e danosas às mulheres presentes nessa relação, com o viés marcadamente relacionado com a moda, que contribui para que o sujeito expresse a sua identidade diante do mundo que o cerca.

Referências

- BARBOSA, Livia. **Sociedade do consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BRASIL, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **Enfrentando a Violência Contra a Mulher**. Brasília, 2005.
- COSTA, R.; MADEIRA, M.; SILVEIRA, C.. “Relação de gênero e poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina”. **ANAIS** do 17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, Brasil, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/56>>. Acesso em: 13 Jul. 2018.
- FIORIN, José Luiz. “A noção de texto na semiótica”, in **Organon**, v. 9, n. 23, p.163-173. Porto Alegre, 1995.
- GARBIN, C.A.S. *et al.* “Violência Doméstica: análise das lesões em mulheres”. **Caderno de Saúde Pública**. RJ, v. 22, n. 12, p. 2567-2573, dez., 2006.
- GARCIA, Carol; MIRANDA, Ana Paula. **Moda é comunicação: experiência, memórias, vínculos**. – São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2010.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODART, Frédéric. **Sociologia da Moda**. São Paulo: Editora Senac, 2010.



LANDOWSKI, E. "Sociossemiótica: uma teoria geral do sentido". **Galaxia**, n. 27, p. 10-20, jun. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542014119609>.

LOPES, Humberto Pinheiro.; GADELHA, Renata Monteiro. "A linguagem das roupas e o corpo através da visão de uma expressão individual para ostentação coletiva". **Travessias** no. 4, no. 1. 2010. Disp. em <file:///Users/renataalbertim/Downloads/3624-13271-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 Jul. 2018.

OLIVEIRA, Ana Claudia M. A. de. "Visualidade processual da aparência". In: CASTILHO, K. e OLIVEIRA, A. C. (orgs.). **Corpo e Moda: por uma compreensão do contemporâneo**. SP: Estação das Letras e Cores, 2008.

PEREIRA, Arianne A. e MARTINS, Marcelo M. "O profissional da enfermagem no atendimento a mulheres vítimas de violência doméstica". **Artigo: Especialização em Saúde da Mulher**. IDE CURSOS, Recife, 2017.

RABELO, Claudio. **Como fazer uma análise semiótica discursiva?** Versão 12 de agosto, de 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bMyZBKvHbGg&t=52s>>. Acesso em 17 Jul de 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2ª ed - São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SANTIN JR, *et al.*. "Violência doméstica: como legislar o silêncio" Estudo interdisciplinar na realidade local. **Revista Justiça do Direito**. 2002.

SVENDSEN, Lars. **Moda: uma filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TAVARES, D. M. C. "Violência doméstica: uma questão de saúde pública" [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: FSP, Univ. de São Paulo; 2000.

TEIXEIRA, Analba. **Violência contra as mulheres**. Recife: SOS Corpo, 2016.